

outubro/2021

Sumário

ENTREVISTA & POESIA ... 03

João Fernando Gouveia

LANÇAMENTO ... 12
O Sítio da Vovó Gena
Jussara Fátima Liberal

CONTO ... 15
O Quadro na Parede
Cris Ladeia

EXPEDIENTE:

Editor-chefe:
•Sergio Carmach

Editora assistente:
•Luzia Barbosa

Fotos (capa e miolo da entrevista):
•João Fernando Gouveia (arquivo pessoal)

Revisão, diagramação e arte: •Sergio Carmach

contato@verlidelas.com www.verlidelas.com www.facebook.com/verlidelas/

Verlidelas Editora CNPJ 27.850.067/0001-71 Rio de Janeiro/RJ

EDITORIAL

Neste mês, a literatura é celebrada por diversas vezes. Temos o Dia Nacional da Poesia (31), o Dia do Poeta (20) e o Dia Nacional do Livro (29). Como os professores também são festejados agora (dia 15), o entrevistado desta edição - o poeta, escritor e professor baiano João Fernando Gouveia – pode se sentir homenageado pelo menos quatro vezes em outubro. João tem uma obra rica e é dono de opiniões firmes. Ele diz, por exemplo, que, "Como em qualquer arte, poesia por poesia é mero diletantismo." A Verlidelas, uma editora que valoriza a pluralidade de ideias, já até promoveu debates com essa temática. Aliás, fica a cargo do leitor concluir se as três seções deste número trazem um "embate" ou posturas unânimes sobre o assunto: Teria algo além de uma bela história no conto "O Quadro na Parede", tirado do livro homônimo de Cris Ladeia, autora que, segundo a escritora Evelyn Mello, utiliza "uma linguagem sutil, delicada, mas ao mesmo tempo forte e empoderada"?; E o que dizer da recém-lançada obra infantil de Jussara Fátima Liberal, cuja sinopse remete a uma "época de natureza preservada, com todas as suas riquezas, e de valorização da cultura e das tradições de Minas Gerais"? De qualquer modo, sendo as seções (casualmente) unânimes ou não sobre a frase do João, a Verlidelas segue em sua filosofia de dar voz a todas as opiniões, ideias e formas de se fazer literatura.

Sergio Carmach e Luzia Barbosa

Apoiam esta edição:



Conheça



Conheça



Conheça



Conheça



Fale um pouco de você e sobre como se tornou escritor.

Estou embalado num corpo humano do sexo masculino nascido baiano em 24 de maio de 1955. Sou soteropolitano, nordestino, geminiano, formado em Ciências Biológicas pela UCSAL – Universidade Católica do Salvador, pós-graduado em Psicopedagogia e Gestão Educacional, servidor público municipal e professor lotado na Escola Amélia Rodrigues, uma poeta, educadora e escritora baiana do início do século passado. Com vinte e cinco anos de experiência pedagógica e de gestão escolar, estou empenhado na esperançosa tarefa de minimizar, com a educação, o fosso da desigualdade e da exclusão social crescente no Brasil.

ninguém é ou está obrigado a amar ou a ficar com ninguém.

é justo,
jeito farto e generoso
de dar e repartir, sem pedir,
nunca reter o sentimento,
prodigalizar.

mas o que não se permite é amar sem amor, é faltar com o respeito a si e a outrem.

violentar-se

Tive minha estreia literária em 1978 com uma antologia poética coletiva intitulada "Réstia de Corte e Vidro", da Edições Contemp, dirigida pelo escritor Luís Ademir Souza. Sucesso de público e de crítica. Mas fui descoberto como autor, no curso primário, por uma estagiária que desenvolvia sua práxis pedagógica na Escola Parque, unidade educacional de tempo integral criada por Anísio Teixeira. Ela propôs uma atividade de escrita, solicitando aos alunos que fizessem uma redação (chamava-se à época "composição") descrevendo nossa escola para uma amiga sua que morava na Bélgica. Dentre as trinta e cinco composições, ela selecionou a minha e a postou nos Correios. Recebemos uma resposta com elogios à cartinha. Eu havia caprichado. Precisava impressionar a estagiária de Pedagogia. Como prêmio, ela me presenteou com um livro maravilhoso, "As Viagens de Ulisses", narrativa sobre esse mito grego e suas aventuras fantásticas no retorno à Ítaca. Mas foi a minha querida mãe, Rita Batista Gouveia, que – após aquele feito na escola – apostou seus parcos recursos para me incentivar. Ela me comprou livros e revistas, mesmo com todas as dificuldades de uma família de nove filhos de classe pobre. Desde essa época, escrevo versos, anoto impressões e as registro na escrita.

A carreira de professor moldou de alguma forma a sua percepção artística?

Sim, aliada à educação que tive de meus pais e à formação em gestão de conhecimentos recebida nas escolas que frequentei. No convívio social como professor, fiz amizades nos bairros onde morei, o que me abriu possibilidades de leituras e escritas. Professores também têm a oportunidade de respirar arte e diversidade nas diversas linguagens educacionais – como a música, a educação física, a literatura, as artes plásticas, a dramaturgia, que se estreitam e convergem para dar ao educando uma visão total da vida e da sociedade. Nessa vivência, ampliamos saberes. Com o estudo e a prática dessas linguagens, fui melhorando minha visão e com-



os crepúsculos são ladrões. arrebatadores de olhares, de versos rimados, falares, mirando a imensidão: de beijos roubados que nos incendeiam desejos e emoção.

meliantes

preensão do mundo, e consequentemente minha escrita e estilo.



O espiritismo ainda exerce influência em seus trabalhos?

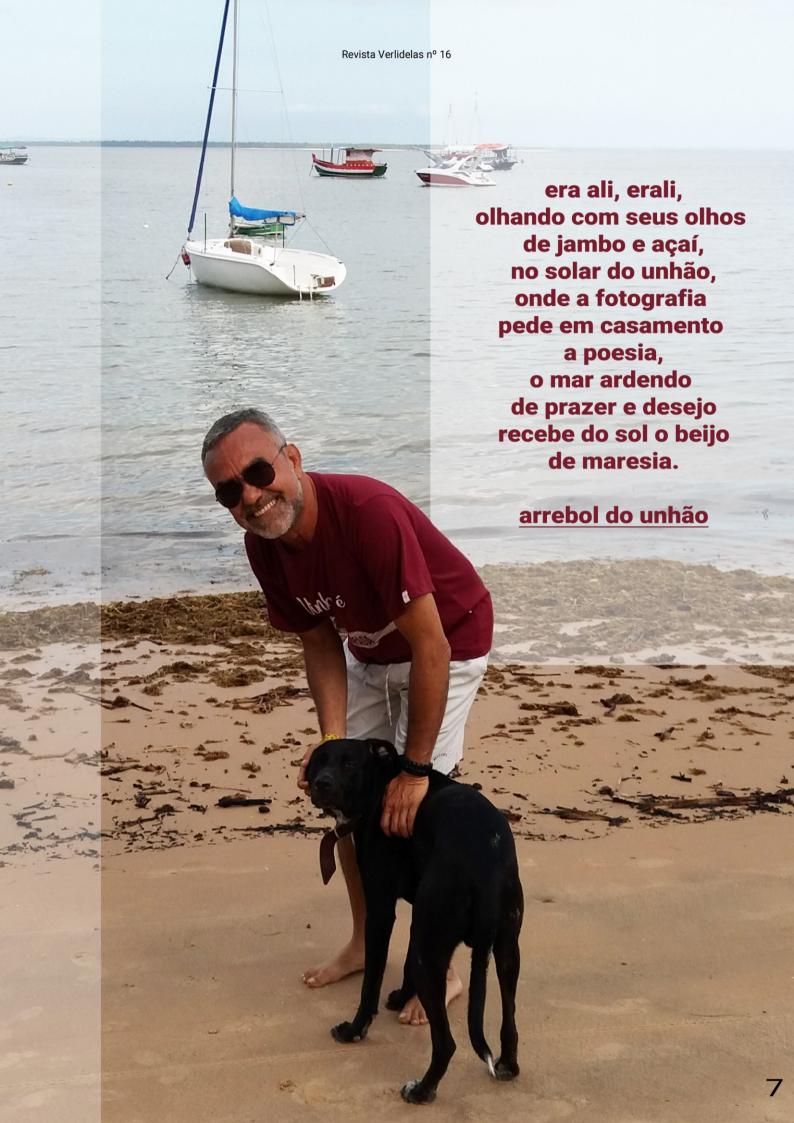
Agradeço imensamente à dirigente e mentora do CEDLV (Centro Espírita Deus Luz e Verdade), dona Bernadete de Oliveira Santana, e também aos diretores e amigos, pelo apoio durante o período em que eu militava mais ostensivamente em prol da doutrina. Aquele era um local de estudos e promoção humana. Aprendi muito sobre relações interexistenciais, acolhimento, desenvolvimento de valores e virtudes, o que inspirou textos para três de minhas obras: "Para Frente e para o Alto", de 1999, "A Paz que Precisamos", de 2000, e "Otimismo e Atitude Sempre", de 2007, livros de mensagens, com prosa e poesia, que trazem temáticas e princípios espíritas universais. A doutrina também me deu esclarecimentos plausíveis sobre os fenômenos mediúnicos que se manifestaram em uma irmã adolescente. Foi providencialmente consoladora e esclarecedora, dotando-me de percepções sutis, importantes nas relações humanas, e passando a ser a minha religião – éramos católicos não praticantes lá pelo final da década de 70 e início dos anos 80.

Como foi o processo de composição de seus últimos livros? O que você privilegiou na escolha das poesias?

Meu acervo bibliográfico conta até agora com dezenove livros, sendo onze antologias poéticas em regime de cooperação e coautoria e oito livros solo. Há a prevalência da poesia, embora eu também tenha livros de mensagens e toques comportamentais. Escrevi muitos artigos em jornais soteropolitanos (A Tarde, Bahia Hoje, entre outros) abordando temáti-

cas como sustentabilidade, planejamento familiar e educação ambiental. Minha produção textual atualmente envereda por crônicas e se consolida em poesia. Em 2018, lancei o livro "Se For Preciso Eu Pulo", da editora Mondrongo, cujo editor – Gustavo Felicíssimo, um paulista radicado na Bahia – tem lançado muitos novos valores na literatura brasileira, incentivando-me a ampliar e divulgar minha poética a um público maior, ou seja, a







deixar a regionalização de lado. Consegui vender os quinhentos exemplares dessa edição. Foram abertas as portas para novos projetos. Desse modo, em 2019 submeti o original de "Da Nossa Humanidade" à apreciação da Mondrongo, que o preparou para edição e impressão. Mas, devido à pandemia, o lançamento só foi feito em dezembro de 2020. Nesse livro, há uma amostra da minha trajetória poética de quarenta anos. Traço uma reflexão sobre o homem, sua origem e seus desafios nesse mundo avesso. Continua em venda pela editora e diretamente com o autor.

A convite do escritor e poeta baiano Fabio Shiva, participei de uma antologia da editora Verlidelas, a "Cura Poética", lançada em 2020, que promoveu um concurso interno entre os autores participantes. Uma de minhas poesias foi apontada pela

comissão julgadora como uma das cinco melhores da antologia. Juntamente com os autores das outras quatro poesias escolhidas, fui convidado a apresentar um original com cinquenta poemas. Dentre esses cinco originais enviados pelos finalistas, o do meu livro, "Concerto para Vozes Silenciadas", acabou sendo o escolhido. Ele foi publicado sem custos pela editora e lançado em julho de 2021. Recomendo aos leitores desta revista que adquiram a obra e depois comentem.

Você entende que a arte deve ser mais neutra ou abarcar questões sociopolíticas de forma incisiva? A poesia deve ser engajada?

Sim, a neutralidade, às vezes, esconde uma certa indiferença pelo que está acontecendo em nosso entorno. A poesia pode encarar tudo que seja expressão da cultura humana, da sociedade humana, como expressão da vida. Na poesia (como arte) publicada no mundo, cabe todas as suas mazelas e belezas. Ficar neutro é tomar partido pela indignidade. O poeta é uma antena que capta todas as ondas e vibrações da vida humana, as dores, desafios, inquietações e perspectivas das sociedades terrenas. O quadro "Guernica", de Picasso, o livro "Poema Sujo", de Ferreira Gullar, as canções "Pra Não



Dizer que Não Falei das Flores", de Vandré, "Construção" e "Apesar de Você", de Chico Buarque, e o poema "O Analfabeto Político", de Bertolt Brecht: exemplos de que é fundamental sermos o homem de nosso tempo, com senso crítico, valores e cidadania perceptíveis em tudo que fizermos. Manter-se inerte em relação à problemática política e social é caminhar em cima de um muro de indiferença. Como em qualquer arte, poesia por poesia é mero diletantismo. William Shakespeare era engajado? Sim, em toda a sua obra.

Como você vê o cenário cultural brasileiro da atualidade?

Ver o quê? O governo Bolsonaro e a pandemia acabaram com o setor. Quanto ao governo, ele



essa gente cheia de seriedade que pra ninguém sorri

dá uma pena danada e uma vontade retada de rir.

gente séria é uma miséria

extinguiu o Ministério da Cultura, rebaixando-o à secretaria, e instalou a era da mediocridade, vetando o patrocínio cultural das empresas estatais. Nomeou pessoas despreparadas, mais interessadas em pautar uma agenda de retrocessos. Verbas foram cortadas. Cinemas e teatros fecharam sem perspectivas de volta, grandes editoras e livrarias cerraram as portas, artistas ligados às artes plásticas, arte popular, dança e música passam por verdadeira dificuldade. Esse capitão da morte que é o presidente da nação, com sua fobia pela cultura e arte, vem devastando o setor. "Ignorância acima de tudo, barbárie acima de todos" parece ser o lema da Cultura neste momento. Mesmo antes de Bolsonaro ser eleito, sabíamos do seu perfil de autoritarismo e arrogância, do seu despreparo, das ligações com milícias e outros segmentos pouco recomendáveis, do negacionismo e do terraplanismo, características que não combinam com cultura e liberdade de expressão. O anti-intelectualismo e a intolerância à cultura como "compromissos eleitorais" só cativaram os simpatizantes e seguidores.



Tem projetos em andamento?

Estou permanentemente envolvido em projetos sociais e literários. Além de palestras de cunho educativo, saraus e lives, apoio projetos de valorização da leitura e da escrita em alguns segmentos. Venho reunindo poemas recentes com temáticas sobre ecologia, florestas, pássaros - aliadas aos sentimentos humanos - para compor o "Abrassarinho - Poesia para Reinventar o Amanhã". Também tenho prontos dois livros inéditos, um de crônicas, "Textos Pandêmicos", sobre os desafios da pandemia, e um de prosa poética, "Um Dia, Cada Dia... Feliz Cotidiano", com toques e dicas comportamentais. Estou envidando esforços para publicação.

Gostaria de mencionar alguns livros e autores que admira?

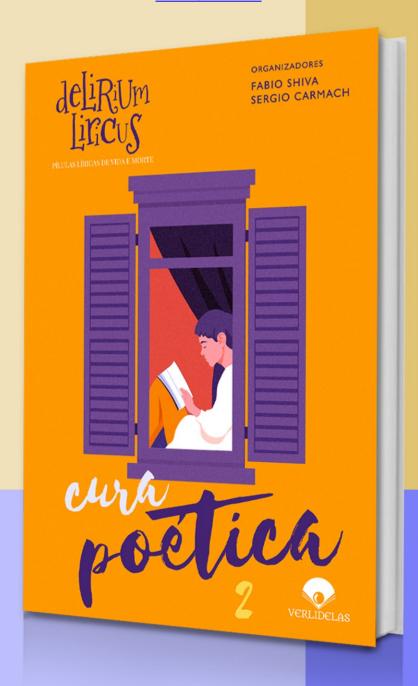
Como não?! Li recentemente e recomendo: "Sapiens – Uma Breve História da Humanidade", de Yuval Noah Harari, "De Pernas pro Ar – A Escola do Mundo ao Avesso", de Eduardo Galeano, "O Diabo na Corte – Leitura Crítica do Brasil Atual", de Frei Betto, "Torto Arado", de Itamar Vieira Junior, e "Meu Quintal É Maior do que O Mundo", de Manoel de Barros. São muitos os poetas e escritores que leio, mas esses livros me representam no momento.

Agradeço imensamente por essa oportunidade.

Participe!

Inscrições abertas até 22 de outubro

LEIA O EDITAL







Antologia colaborativa

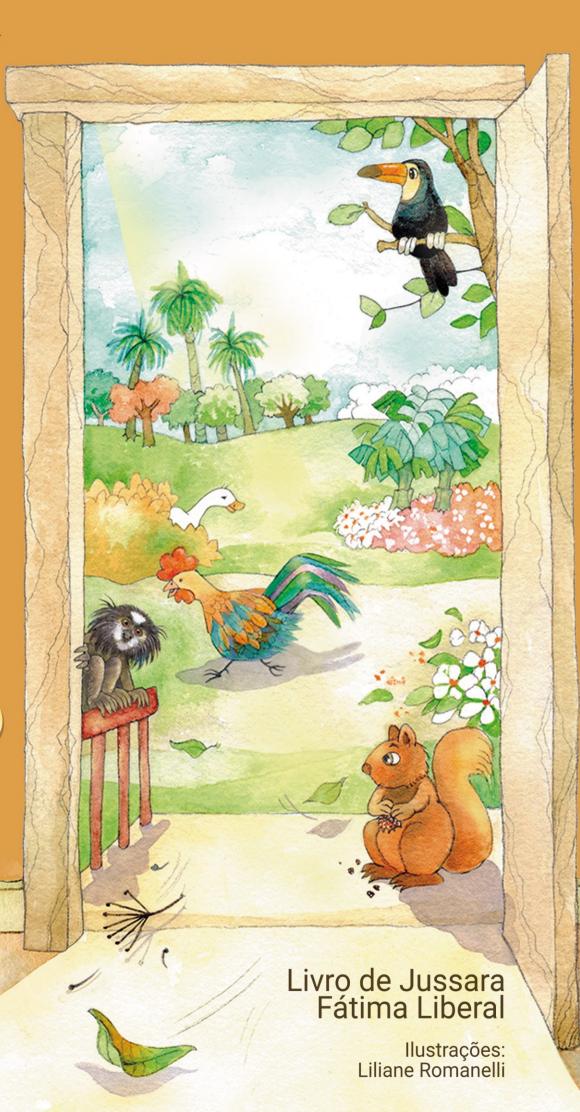
PREMIAÇÃO:
O autor da melhor poesia receberá o valor de R\$ 500,00

Organizadores: Fabio Shiva Sergio Carmach

www.verlidelas.com



Seja bem-vindo ao SITIO da Vovó Gena



EM 26 DE AGOSTO DE 2021, após meses dedicando-se à criação do livro de literatura infantil "O Sítio da Vovó Gena", a autora Jussara Fátima Liberal - em uma ação da prefeitura de Igarapé, por meio da Secretaria de Cultura - foi contemplada com a cessão do espaço onde funciona a Biblioteca Pública Municipal Neuza Henriques da Silva Diniz para fazer o lançamento da obra. Essa festiva sintonia amorosa entre pessoas comuns e a literatura infantil foi um momento de emocionante vibração, contando com a participação da família Liberal e autoridades locais. Estiveram presentes o prefeito Arnaldo Chaves, o vice Daute Henriques e o secretário de Cultura, Esporte, Lazer e Turismo, bem como a equipe da biblioteca.

O livrinho se originou das narrativas contadas à autora por Izaltina Araujo Liberal, herdeira do Sítio Vovó Gena, no ano anterior. No texto, percebe-se o entrelaçamento de preciosos valores da cultura brasileira, como o respeito à família e à cultura religiosa de nosso país. Há também nele um convite para que as gerações mais



novas, especialmente as crianças, ouçam os mais velhos e compreendam o apelo para a preservação das riquezas ambientais. A autora traz todos esses elementos sem tirar a magia de uma história com personagens de uma família mineira possuidora de três atributos: justa, generosa e dadivosa.



e REENCONTROS

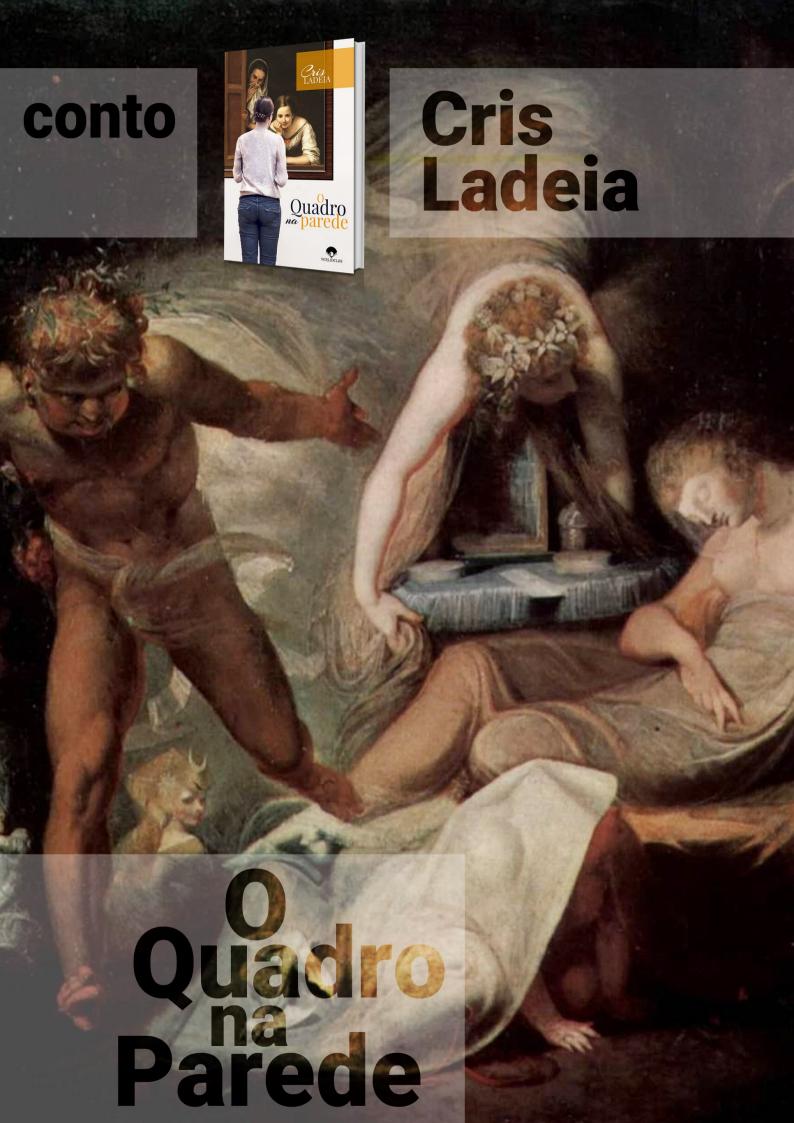
NORMA CAMARGO EDMIR CAMARGO

SAGA DE UM AMOR PERDIDO



OIS JOVENS SE ENCONTRARAM. O momento especial criado por um olhar e um sorriso deixa tudo ao redor menos importante. A conversa flui de forma leve e agradável, como se eles já se conhecessem há muito tempo. Nenhuma voz é mais agradável, nenhum rosto é mais inspirador, nenhuma expressão é mais doce. As afinidades criam uma conexão mágica. O que conta para um é apenas a presença do outro. Assim, nasce uma história de amor. E ela se solidifica de uma forma que a distância e o tempo perdem a importância. Gostos e sonhos comuns misturam-se, completam-se. O futuro parece impossível de ser alterado. Mas a vida reserva surpresas e reviravoltas. Os caminhos, num repente, tornam-se divergentes. O amor, mesmo um amor assim, consegue sobreviver?





"O Quadro na Parede" é um conto tirado do livro homônimo de Cris Ladeia. A autora nasceu em Campina da Lagoa – PR e atualmente reside em Santo André – SP. Formada em Letras pela UniABC e em Pedagogia pela Estácio de Santo André, pós-graduada em Neurociência Clínica e Educacional e pós-graduanda em Psicopedagogia Institucional e Clínica, é professora do ensino fundamental em duas redes de escolas particulares e escritora. Desde os oito anos, compõe pequenas poesias e relatos. Na adolescência, deu preferência aos contos e romances. "Desenha" no papel aquilo que sente... Muitas vezes, o que não sente; a maior parte do tempo, o que gostaria de sentir. Prefere a dança do lápis ao ruído do teclado. Gosta quando o leitor tem dúvida se aquilo sugerido no papel realmente foi vivido ou sonhado.





EMOLDURADO DE FORMA REBUSCADA na cor dourada com contornos pitorescos, o quadro enfeitava o quarto sombrio. O vidro cintilante havia trincado no canto, mal dava para perceber. Apenas Elisa, meticulosa, se dava conta. Todas as noites ela entrava no quarto sombrio, tirava o quadro da parede, apertava-o contra o peito e derrubava suas lágrimas noturnas. Depois de muito tempo abraçada à moldura, afastava-a do corpo e tocava o quebradinho no canto com a ponta dos dedos, pensando que um dia haveria de trocar o vidro... Um dia, quem sabe.

Ainda não tinha decidido o que faria no quarto, mas por enquanto preferia mantê-lo assim, com as impressões daquele que um dia a possuiu. O cunhado não morou muito tempo ali, viera apenas passar um verão e acabara permanecendo por mais três estações depois de rever Elisa. Estava desgostoso da vida, tomando seu antidepressivo religiosamente, quando o irmão o convidou para passar algum tempo no sítio, respirar ar puro, entrar em contato com a natureza e quem sabe se restabelecer mais rápido.

Elisa se lembrava do dia em que o cunhado chegou cabisbaixo, taciturno, com um lenço cinza na mão esquerda. Subiu a escada da varanda como se não soubesse para onde estava indo e no derradeiro degrau ergueu a cabeça para cumprimentar a esposa do irmão. Não se viam havia cinco anos e Elisa já não tinha aquele rosto de menina, de seus dezesseis anos. Era agora uma mulher: encorpada, altiva, cabelos longos e pesados lhe cobrindo as costas. Estava com vinte e um anos, dez a menos que seu irmão. O instante que durou aquele olhar, o



primeiro contato depois de tanto tempo, só foi interrompido pelo esposo, que, depois de fechar o carro, subiu com a outra mala nas mãos.

Elisa mostrou o quarto com a cama arrumada de forma impecável, os armários vazios para que o cunhado colocasse suas roupas. Imediatamente ele abriu a mala maior e tirou dela uma réplica da obra "O Sonho de Belinda", de Fuseli. Olhou um instante para a tela e perguntou à cunhada se poderia pendurála na parede do quarto. Elisa disse que sim. Embora achasse o quadro escuro e sombrio, permitiu, levando em conta que o cunhado ficaria só por um verão. Ele estava verdadeiramente triste, assim como o marido havia dito, mas conservava o ar de mistério que a encantara aos dezesseis anos. Naquela época, ele, com dezoito, era um rapaz engraçado, galanteador, mas novo para o casamento, de acordo com os sogros de Elisa. Ela o encontrara no caminho da igreja com outros rapazes, rindo e olhando para as moças que iam à missa. Ele a olhou diferente e ela retribuiu. No meio da missa, saiu para beber água e ele foi atrás, malandro como a maioria dos rapazes era naquela idade. Chegou de surpresa, tirou a boina e deu-lhe um beijo na boca refrescada pela água que acabara de beber. Elisa não teve chance de se defender. No entanto, havia gostado da surpresa, sentiu as pernas amolecerem, foi acometida por um calor inexplicável. O rapaz a beijou e voltou para a igreja. Ela bebeu mais água, necessitou de alguns minutos para se recompor e voltou à missa ainda trêmula.

Assim que acabou a celebração, os pais de Elisa apresentaram um casal muito sério, roupas engomadas, e com eles seu filho de vinte e seis anos. Elisa cumprimentou timidamente os três e logo apareceu o quarto membro da família; diferentemente do irmão mais velho, veio assoviando, arrumando a calça e, sem demonstrar timidez alguma, falou um sonoro bom-dia. Elisa ficou pálida, era o moço que a tinha beijado. Visivelmente transtornada, pediu licença e foi conversar com as meninas da sua idade.

Bastaram seis meses e alguns jantares para Elisa estar casada com aquele moço sério, dez anos mais velho. Raramente via o galante cunhado e, após se mudar para o sítio, não se encontraram mais. Elisa pensava no rapaz diversas vezes no início do casamento, mas os dias foram ficando mais realistas e ela deu-se conta de que o seu destino já estava certo. O tempo foi



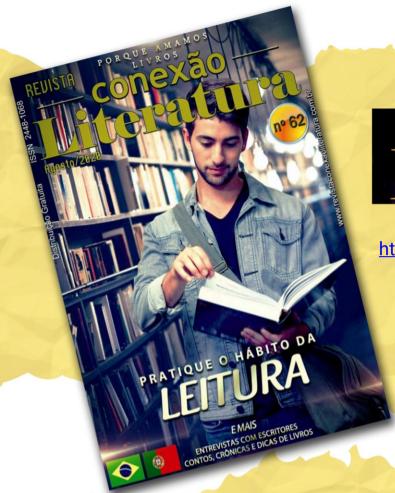
passando e as notícias sobre o cunhado eram sempre as mesmas... Estava solteiro, não se encantava por moça nenhuma, bebia muito, trabalhava pouco, às vezes quase nada. Quando Elisa soube que ele viria passar um tempo em sua casa, sentiu-se estranha, um sentimento adormecido queria despertar. Teve medo. Jurou que evitaria qualquer contato mais próximo. Seria prestativa, porém respeitosa, e saberia exigir respeito. Mas, quando viu o cunhado – antes tão solto com as palavras, agora economizando as frases – ela sentiu-se culpada.

Certa noite, Elisa levantou-se para beber água, desceu as escadas sem fazer barulho e deparou-se com a luz acesa na sala. Da poltrona, de costas para ela, subia uma fumaça de cigarro. Teve a certeza de que não se tratava do marido. Continuou andando até a cozinha, colocou água no copo com as mãos trêmulas, bebeu um gole e despejou o resto na pia. Virando-se para a porta, estremeceu ao ver o cunhado. Estava tão perto, que podia sentir a respiração quente dele na sua testa. Novamente o inevitável beijo depois do copo d'água. Desta vez, mais longo, sem a pressa juvenil, com mais força, despertando um sentimento até então adormecido. Elisa sentiu-se despida de alma, teve vontade de largar-se em seus braços e, por um momento, enxergou-o novamente com dezoito anos, engraçado, galanteador. Na tentativa inútil de camuflar seu desejo, ergueu as mãos e ele se afastou. Olharam-se por alguns breves segundos e o cunhado foi andando de costas até chegar à porta da cozinha, quando, então, virou-se e desapareceu no corredor estreito que levava ao quarto de hóspedes. Elisa respirou fundo, como se ainda tivesse dezesseis anos, colocou a mão na boca, ajeitou a camisola branca de cetim e, devagar, foi caminhando pelo corredor. A porta estava aberta, e poucos passos a afastavam do quarto. Seguiu até ficar de frente para a cama vazia, deu mais um passo e viu o cunhado sem camisa, pendurando a roupa na arara. Aproximou-se quase que involuntariamente e entrelaçou os braços no pescoço dele. O cunhado a apertou contra o peito e acariciou seus cabelos. Elisa, sentindo aquele corpo quente, de repente foi tomada nos braços e colocada na cama com delicadeza. Ela olhou para o lado enquanto sua camisola era tirada, e viu "O Sonho de Belinda" na parede.

- - -



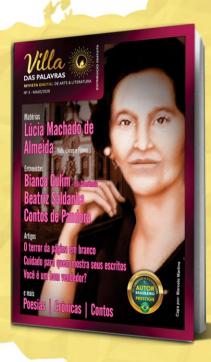
se você gosta de revistas literárias...

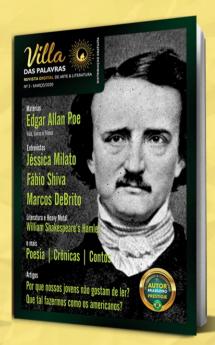


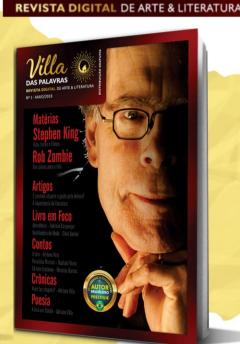
— conexão — Literatura

Visite:

http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/







DAS PALAVRAS

Visite:

https://www.adrianovilla.com.br/